

Resenha crítica de *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019. 254p.

Hiorana Nascimento Marques*

Itamar Rangel Vieira Júnior, autor da obra que é referência desta resenha, nasceu em Salvador, Bahia em 1979. É graduado e mestre pela Universidade Federal da Bahia. Sua tese de doutorado também foi concluída na mesma instituição e seus trabalhos acadêmicos foram muito voltados para temas que fazem parte do local em que nasceu, bem como do que nele vivenciou, demonstrando ter lugar de fala nos assuntos que pesquisa. Na literatura, o autor primeiramente publicou *Dias*, em 2012, depois, em 2017, *A oração do carrasco*, vindo a publicar *Torto arado* em 2018. Todas as suas obras ganharam prêmios e foram prestigiadas, mas a última ganhou mais notoriedade pela sua escrita e singularidade.

Sua obra mais prestigiada até o momento, *Torto arado* é dividida em três partes. A primeira é narrada pelo ponto de vista da personagem Bibiana, a segunda pela sua irmã Belonísia, e a terceira pela Santa Rita Pescadeira, personagem apresentada como uma entidade religiosa. A edição em questão foi lançada pela Editora Todavia, e tem 264 páginas. A leitura de *Torto arado* pode ser muito leve, pois apresenta uma história linear que se torna fluida para o leitor, abordando contextos que se desencadeiam quase sempre cronologicamente e prendem facilmente a atenção para o desenrolar do enredo.

O enredo se passa em um lugar fictício chamado Água Negra, se mostrando semelhante à ideia cristalizada que se tem do sertão nordestino, em que a estiagem é muito frequente e as chuvas, comumente, ou são escassas ou são destruidoras. A habitação em que as personagens da narrativa vivem é em uma fazenda localizada no lugar citado, onde gerações de famílias moraram e se criaram, perpetuando sua cultura e seus costumes. O espaço em que vivem, no entanto, apesar de ser cuidado e habitado pelas pequenas povoações, não lhes pertencem, pois os donos da fazenda foram lhes concedendo espaço somente de moradia, mas não de pertencimento, gerando uma espécie de escravidão moderna, em que estão sujeitos e alheios aos donos das terras, dando uma parte de tudo aquilo que plantavam e colhiam em troca de um pedaço de chão para morar.

* Graduanda do curso de Licenciatura plena em Letras-Português da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (Fafidam) da Universidade Estadual do Ceará. Resenha produzida na disciplina de oficina V, em que se trabalha com gêneros acadêmicos e burocráticos, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Lailton Morais Duarte.

A narrativa se inicia com uma tragédia envolvendo as duas personagens principais, que são irmãs. Logo no início da obra, sabe-se de um objeto guardado em segredo pela avó das meninas, ainda crianças nessa fase da narrativa. Tratava-se de uma faca muito antiga que parecia ter um tipo de maldição perigosa, mas fica a cargo do entendimento do leitor que as irmãs se sentiam atraídas pelo objeto, sem que fique claro se a atração era por maldição ou por curiosidade excessiva das crianças. Até que, em dado momento, elas tiveram vontade de colocar o objeto na boca para sentir o seu gosto. A faca era brilhante e chamativa e fez o curso de suas vidas mudarem para sempre. Belonísia teve a língua cortada ao ponto de nunca mais poder falar, e Bibiana, mesmo com o corte, conseguiu voltar a falar, já que seu caso não foi tão grave quanto o da irmã.

A narrativa em prosa segue contando como a vida das duas irmãs após o acidente acarretou inúmeros fatores. Um dos principais se refere à fala de Belonísia, que ficou comprometida, e de como ela passou a ter que se adaptar com a sua nova vida. As duas ficaram mais próximas após o ocorrido, e Bibiana era a que mais entendia o que a irmã sentia e expressava. O convívio com a família era muito verdadeiro, apesar de pobres e simples, os pais das personagens principais são unidos e tentam sempre passar lições e ensinamentos aos filhos sobre plantações, crenças e, principalmente, sobre a vida.

Toda a família e os vizinhos vivem na mesma localidade, compartilhando as mesmas crenças, rodas de jarê e também do alimento, que é escasso e muito batalhado para manter. As famílias são de origens quilombolas e chegaram à fazenda Água Negra à procura de abrigo e sustento. Assim, a trama é permeada pelas dificuldades e pelos trabalhos árduos que todos vivenciam diariamente, relegados ao mesmo fim de sofrimento e labutas.

Em um dado momento da narrativa, as irmãs passam por um conflito que as separam por longos anos, mesmo estando próximas; essa divisão é na amizade e na confiança de ambas, abaladas por uma situação embaraçosa na adolescência delas e que as deixam distantes por um mal entendido. Outras tragédias também fazem parte da história, como a fome, a seca e as cheias, que compõem o espaço físico. Mortes e injustiças são temas presentes, a solidão e o desprezo com as personagens vão tecendo uma malha longa e falha, que se caracteriza por sofrimentos e lutas cotidianas. Cada personagem que faz parte da família das irmãs possui uma descrição, uma pequena parte narrativa que conta um pouco do que são, do que fazem e, principalmente, da sua gênese, que se estende desde os pais até primos e tios.

A obra como um todo possui críticas muito fortes e ainda pertinentes para a atualidade. A história do povo quilombola integra a própria história do Brasil, em que esses povos sofreram e tiveram que migrar para terras desconhecidas por falta de leis que os protegessem. A saga desse povo negro marcado pelo tempo, pelos preconceitos e pelo abandono é uma imagem do passado e do presente da nossa sociedade.

O povo que foi libertado da escravidão não foi devidamente acolhido socialmente, passaram a estar livres de amarras físicas, mas ainda estavam presos ao seu passado e a

muitos outros tipos de injustiças. Em *Torto arado*, essas experiências se tornam reais no mundo fictício proposto pelo autor; mundo vivido em cada representação que é evidenciada. Os sofrimentos dos personagens são bastante detalhados e deixa ao leitor uma imagem muito próxima da história concreta dos quilombolas na sociedade brasileira. O autor demonstra muito repertório cultural para a criação da narrativa, que funde ficção e realidade.

O texto salta em determinadas partes, como para enfatizar as injustiças sofridas pelos personagens, como a proibição de uso pleno da terra para o povo que nela vive e a cultiva em prol de todos; eles são negados a pescarem nos rios e plantarem livremente nas terras que eles mesmos cuidam, que não seriam prósperas sem o trabalho deles. O egoísmo dos donos das terras em não deixar que os trabalhadores construam casas de tijolos para não poderem reivindicar direito de posse sobre elas no futuro, bem como o fechamento da Viração, lugar em que enterravam seus mortos, mostra bem a violência social, econômica, cultural e humana sofrida por eles.

O acontecimento que se propõe a ser muito arrebatador para o leitor é a luta do primo Severo, casado com Bibiana. A personagem de Severo é uma amostra das lutas sociais e da força do povo em busca de direitos e de dignidade; é um apelo para que não se esqueça de onde o povo negro veio, o quanto sofreram e de como foram injustiçados. Revela traços profundos que denunciam os ricos proprietários cruéis e usurpadores que tentavam apagar o povo e suas marcas como se fossem uma mancha. A luta de Severo se torna popular na história e ganha admiradores que vão levantar a mesma bandeira para sempre, de geração em geração. Severo deixa sua marca e conscientiza a muitos para que não deixem a própria história ser desvalorizada. Sua esposa, Bibiana, também se torna porta-voz de seus ideais, sendo professora e tendo destreza com as palavras, tenta impedir que o povo seja massacrado e faz nascer a esperança em meio ao sofrimento e à injustiça.

Com o curso da vida das irmãs, elas são levadas a se unirem novamente, mesmo que a passos lentos. A amizade e a irmandade das duas, que ficaram comprometidas por um longo período, é reatada, de modo que as irmãs se aproximam novamente, como no começo da narrativa. O distanciamento ocorrido serviu para entenderem que precisavam estar juntas, que a união seria primordial para o fortalecimento familiar e também das lutas que iriam enfrentar pelas terras que deveriam ser suas por direito.

Por fim, do ponto de vista didático, o romance é uma ótima opção se trabalhar com a literatura na escola. Tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, a obra pode ser indicada para o entendimento de lutas e de povos do Brasil. A obra é de fácil compreensão leitora e pode ser usada em rodas de leitura que fomentem o conhecimento, buscando corrigir preconceitos e conscientizar para pautas importantes e atuais da sociedade, como a garantia dos direitos às minorias, no caso, ao povo negro, que ainda se vê vítima de problemáticas que tentam silenciar o grupo e enfraquecer as lutas que são importantes para o vínculo social e o fortalecimento dos povos. É muito necessário e

urgente trabalhar temáticas raciais e de valorização dos povos no Brasil na Educação brasileira e, nesse contexto, *Torto arado* se mostra uma narrativa primordial para as aulas de Língua Portuguesa atuais e futuras.

Referências

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

Recebido em 15 de janeiro de 2023

Aceito em 17 de fevereiro de 2023